

A arte como ferramenta no desenvolvimento social e emocional em crianças do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Darkiane Silva dos Santos ¹

Soraya Emanuelle da Silva Leite Ribeiro ²

RESUMO

A Lei nº 15.100/2025 - Decreto nº 12.385/2025 restringe o uso de aparelhos eletrônicos pessoais nas escolas para incentivar a socialização e a troca de conhecimentos entre as crianças. No entanto, essa proibição afeta especialmente algumas crianças com TEA, que muitas vezes utilizam o celular como ferramenta de distração e apoio emocional. Diante disso, foi elaborado o projeto Mundo do Davi, voltado para um aluno com dificuldades de autoestima, interação social e expressão de suas emoções. O projeto busca estimular sua expressão criativa por meio da arte, de suas emoções e de atividades sensoriais, promovendo seu desenvolvimento emocional, fortalecendo sua autoestima e contribuindo para a sua coordenação motora fina. A abordagem lúdica e autônoma das atividades visa tornar o aprendizado mais acessível e envolvente, ajudando-o a construir o conhecimento e desenvolver novas habilidades artísticas e estéticas. Este projeto tem como objetivo promover a expressão criativa, o desenvolvimento cognitivo e emocional dele, proporcionando um espaço seguro e acolhedor para sua auto expressão com diversos materiais e suportes. A metodologia inclui atividades artísticas durante o intervalo escolar, com materiais diversos disponibilizados e acompanhamento de uma monitora. O projeto tem como fundamentação teórica os seguintes autores: Carlos Rodrigues Brandão (1982), Jorge Coli (1989), Philippe Greig (2004) Thiago Castro (2023), Grandin e Panek(2024). Ao final do projeto, será realizada uma exposição dos trabalhos do aluno, incentivando sua autonomia e valorização. A arte é uma ferramenta transformadora para crianças autistas, promovendo inclusão e bem-estar emocional. Ao implementar este projeto, espera-se desvendar o potencial transformador da arte na vida da criança. É fundamental que iniciativas como esta sejam implementadas e avaliadas, para que possamos compreender melhor o impacto da arte no desenvolvimento das crianças e garantir que cada uma delas tenha autonomia, oportunidade de florescer e viver uma vida plena e independente de maneira inclusiva de fato.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Arte, Desenvolvimento Emocional.

¹ Graduanda do VIII semestre pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, darkianesantos02@gmail.com ;

² Professora Orientadora, TEA nível 1 de suporte, Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva pela Multivix- Serra, Mestranda do PPGL- Programa de Pós-Graduação em Letras da UNEB- DEDC/Campus X e professora das disciplinas de Libras e Educação Inclusiva. e-mail sorayaes.uneb@gmail.com .



É de conhecimento público que o Decreto nº 12.385/2025, regulamentador da Lei nº 15.100/2025, estabelece restrições ao uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais no ambiente escolar. A medida tem como objetivo principal resgatar espaços de convivência e aprendizagem coletiva, uma vez que, com a proibição do uso desses dispositivos, abre-se a possibilidade de que as crianças tenham mais tempo para interagir, trocar experiências e fortalecer vínculos sociais.

No entanto, essa proposta enfrenta um desafio significativo: a interação presencial entre os estudantes não é uma tarefa simples, sobretudo porque, com a popularização dos celulares, muitos desenvolveram um hábito de comunicação quase exclusivamente virtual e para muitos alunos e alunas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que apresentam importantes prejuízos na comunicação e interação social, é a forma favorita de passar o tempo livre na escola, principalmente na hora do recreio. Assim, mesmo quando fisicamente próximas, as crianças passaram a manter diálogos mediados por telas, reduzindo a espontaneidade e a qualidade das relações interpessoais.

Este artigo é resultado de um projeto realizado por uma discente do Colegiado de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X, sobre a arte como ferramenta no desenvolvimento social e emocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O foco desse artigo está em apresentar os avanços da criança envolvida no Projeto, mostrar de que forma a arte pode favorecer o processo de socialização e de manifestação das emoções em crianças autistas.

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. (Coli, 1989, p. 8)

A iniciativa busca destacar como atividades artísticas, ao mesmo tempo que estimulam a criatividade, funcionam como recursos pedagógicos capazes de potencializar a comunicação, promover interações mais significativas e contribuir para o fortalecimento da autoestima. Dessa forma, a pesquisa não apenas evidencia a importância da arte como meio de expressão, mas também aponta para sua relevância no desenvolvimento integral e inclusivo de pessoas com necessidades específicas. Brandão, 1982, pg. 10 “a educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos



grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”.

O intuito do Projeto é promover a expressão criativa, contribuir com o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças TEA, proporcionando um espaço seguro e acolhedor para sua auto expressão com diversos materiais e suportes. Busca estimular sua expressão criativa por meio da arte de suas emoções e de atividades sensoriais, promovendo seu desenvolvimento emocional, fortalecendo sua autoestima e contribuindo para a sua coordenação motora fina.

Para o desenvolvimento deste estudo apresentado neste artigo, foram realizadas pesquisas e análises envolvendo três eixos principais: o contexto das crianças com Transtorno do Espectro Autista, o impacto da tecnologia na infância e o papel da arte como recurso pedagógico e terapêutico. Esses referenciais teóricos possibilitam compreender não apenas as características do desenvolvimento infantil, mas também os desafios enfrentados no processo de socialização, comunicação e expressão de emoções. Assim, a investigação busca oferecer uma fundamentação sólida para analisar de que modo a arte pode atuar como mediadora no percurso educacional e habilidades das crianças autistas.

Ao implementar o projeto, espera-se evidenciar o potencial transformador da arte na vida da criança autista, destacando-a como ferramenta capaz de ampliar horizontes e construir novas formas de interação e possibilidades, trazendo protagonismo das crianças neurodivergentes, especificamente TEA. Acredita-se que, ao estimular a autonomia e favorecer a comunicação não verbal, a arte abre caminhos para que as crianças desenvolvam suas habilidades e competências de forma singular, respeitando seu tempo e especificidades. Mais do que uma atividade lúdica, a produção artística se torna um espaço de pertencimento, onde a criança encontra meios de se expressar, de ser compreendida e de se conectar com o outro.

Por fim, torna-se fundamental iniciativas como esta sejam não apenas implementadas, mas também acompanhadas e avaliadas de maneira sistemática, de modo a ampliar a compreensão sobre os impactos reais da arte no desenvolvimento social e emocional de crianças autistas. Somente por meio dessa avaliação será possível validar os benefícios alcançados e aprimorar práticas pedagógicas inclusivas. Nesse sentido, este estudo busca reafirmar a necessidade de garantir que cada criança tenha acesso a experiências que favoreçam seu florescimento humano, assegurando condições para que viva uma vida mais plena, autônoma e incluída à sociedade.



METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, é fundamental destacar o perfil caracterizador do estudante participante do projeto, uma vez que suas características demandam estratégias diferenciadas de organização e manejo dos recursos pedagógicos. O aluno, atualmente matriculado no 7º ano, recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ano anterior tardiamente, no início do 6º ano. Em 2025, conta com o acompanhamento da mesma monitora pelo segundo ano consecutivo, o que favorece a compreensão de suas necessidades e possibilita uma inserção mais efetiva no contexto escolar.

A criança foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível de suporte dois. Mesmo sendo comunicativa e conseguir se expressar verbalmente, nem sempre consegue compreender ou colocar em palavras o que sente. Isso ocorre porque as pessoas com TEA apresentam prejuízos importantes relacionadas à alexitimia (percepção e nomeação de sentimentos e emoções), interocepção (percepção sobre o próprio corpo como fome, sede, dentre outros) e propriocepção- percepção do seu corpo no espaço, frequentemente se machucam e não percebem (hipossensibilidade) ou apresentam percepção aguçada a dor (hipersensibilidade). Em alguns momentos, essa dificuldade faz com que ele ou ela não perceba a força que utiliza, acabando por machucar colegas sem intenção. Quando se frustra por não entender ou conseguir realizar uma atividade, costuma dirigir palavras negativas a si mesmo, revelando sentimentos de tristeza e autodepreciação. Já nos momentos de alegria ou empolgação, tende a demonstrar suas emoções de forma intensa, com gargalhadas desproporcionais, com gritos e gestos impulsivos. Com a proibição do uso de aparelhos eletrônicos no início do semestre letivo de 2025, percebeu-se a necessidade de buscar novas estratégias para ajudá-lo a lidar com o tédio e encontrar outras formas de autorregulação emocional e se expressar, conforme vinha relatando à monitora.

A metodologia proposta inclui atividades artísticas realizadas durante o intervalo escolar, com materiais diversos disponibilizados pela escola, como caderno de desenho, lápis de cor, lápis 2B, borracha, apontador e estojo. Ressalta-se a importância dessa disponibilização, pois o estudante apresenta dificuldades em compreender quando algo não faz parte das regras previamente estabelecidas, necessitando de acordos claros e consistentes. Assim, ao compreender que os materiais pertenciam ao espaço escolar e



deveriam permanecer na escola, o aluno conseguiu se adaptar à proposta, aceitando que o uso seria restrito ao horário destinado ao projeto.

O projeto teve início no dia 10 de Março de 2025 com o término 05 de Julho de 2025 com a exposição do projeto na festa de São João da escola. O aluno neste período aprimorou suas habilidades motoras e expressou suas emoções e sentimentos através da arte.

Desde o início, as regras da atividade foram construídas em conjunto com o aluno, de forma dialogada e não impositiva, para que ele compreendesse o sentido de cada orientação e se sentisse parte do processo. Ficou combinado que os desenhos aconteceriam apenas durante o intervalo (das 9h30 às 10h), após o lanche, em mesas definidas, sem levar os materiais para a sala ou para casa. Caso não concluísse o desenho, poderia retomá-lo no dia seguinte, sempre utilizando apenas um lado da folha. Ao término, os materiais deveriam ser entregues à monitora.

Nos primeiros momentos, o cumprimento dessas regras foi desafiador, pois o aluno costumava continuar desenhando mesmo após o sinal de retorno às aulas. Esse comportamento demonstrava sua dificuldade inicial em lidar com transições e interrupções, algo comum em crianças com TEA. Com o acompanhamento constante da monitora que reforçava com gentileza os combinados e lembrava os horários, o aluno começou gradualmente a compreender e aceitar a rotina. Após cerca de duas semanas, percebeu-se uma adaptação significativa: ele passou a respeitar os combinados de forma espontânea, entregando os materiais no horário combinado e demonstrando satisfação por conseguir cumprir as regras. Destacou-se, assim, que mais do que seguir instruções, o importante era que o momento do desenho permanecesse como um espaço de prazer, expressão e aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A inclusão escolar representa um princípio fundamental para a promoção da equidade e do respeito às diferenças, garantindo que todos os estudantes, independentemente de suas características ou necessidades educacionais especiais, tenham acesso pleno ao aprendizado e à convivência social como previsto na Política Brasileira da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e o Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei. Nº 13.146/2015 (Brasil, 2015).



A implementação de práticas inclusivas, como adaptações de recursos, mediação especializada e estímulos à interação social, contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ao mesmo tempo em que sensibiliza a comunidade escolar para a valorização da diversidade. Dessa forma, o ambiente educativo torna-se um espaço de aprendizagem coletiva, em que cada estudante pode desenvolver suas potencialidades, estabelecer vínculos significativos e sentir-se parte integrante do grupo. Assim como a inclusão escolar busca garantir desenvolvimento integral e participação social, a legislação sobre o uso da tecnologia surge para proteger e orientar a infância, assegurando que os recursos digitais complementam, e não substituem, experiências essenciais para o crescimento da criança.

A lei 15.100/2025 surge como um instrumento essencial para diminuir os impactos negativos que a tecnologia pode exercer sobre a infância, orientando o uso responsável e educativo dos recursos digitais. Ao estabelecer diretrizes que priorizam o desenvolvimento integral da criança, ela busca assegurar que a tecnologia não substitui experiências fundamentais como o brincar, a socialização e o contato com a natureza, mas seja utilizada como ferramenta complementar e pedagógica. Dessa forma, a legislação contribui para equilibrar os benefícios da inovação tecnológica com a preservação dos direitos da criança, garantindo condições para que vivam plenamente sua infância, em harmonia entre o mundo digital e as vivências concretas e humanas.

No início do projeto, logo na primeira semana pode-se perceber que o aluno não tinha ideias concretas acerca do que desenhar, conseguimos identificar na imagem mais a frente, desenhos grandes, sem história, desordenados, não havia uma organização do mesmo sobre o que desenhar. O mesmo ainda com dificuldade de entender uma das regras acordadas ao projeto, no intervalo ele teria que está guardando todos os materiais, para se direcionar a sala, porém no início foi preciso que a monitora o avisasse e reforçasse que ao tocar do sino ele teria que estar guardando e retornando para a sala de aula. Reforçando que o desenho é apenas durante o intervalo, no qual o mesmo utilizava para se distrair.

Abordando a questão emocional, o aluno se mostrou frustrado por não conseguir alcançar o que havia planejado, completar com desenhos a folha à princípio, o TEA tem dificuldades em ter sua atividade em hiperfoco ou prazerosa interrompida. Importante falar um pouco sobre isso e dizer que trabalhando assim (com tempo e regras combinadas), contribui para a flexibilização e trabalhar a rigidez cognitiva, própria do



TEA e controle inibitório. Neste momento houve uma intervenção com a psicóloga da escola para que o mesmo entendesse que não teria problema em não conseguir logo de primeiro momento preencher a folha com o desenho, ajudando a entender e lidar também com as frustrações com as coisas inacabadas.

Nas semanas seguintes, observou-se que a criança continuou produzindo desenhos relacionados ao seu hiperfoco, que são personagens e poderes de jogos de luta que costuma assistir em casa. Demonstrando avanços em sua organização espacial, passou a dividir a folha em pequenos quadrados, criando uma sequência narrativa entre os quadrinhos, o que evidencia progressos em sua capacidade de planejamento e estruturação das ideias. Nesse momento, após concluir os desenhos, ele ainda prefere mostrá-los apenas à monitora, sem buscar interação com os colegas. Esse comportamento reforça a importância de estratégias pedagógicas que utilizem o hiperfoco como ponto de partida para promover o engajamento em outras áreas do conhecimento, favorecendo a ampliação de suas experiências e o desenvolvimento de novas habilidades.

O papel da monitora, nesse processo, foi fundamental: ao lembrá-lo constantemente do tempo, das regras e da rotina, contribuiu para que o aluno compreendesse os limites do projeto e se sentisse mais seguro e organizado. Essa constância no acompanhamento é essencial, uma vez que crianças com TEA se beneficiam de ambientes previsíveis e de mediações sensíveis às suas necessidades emocionais e cognitivas.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, observou-se que o ato de desenhar passou a ter um papel significativo na rotina do aluno, deixando de ser apenas uma forma de distração durante o intervalo para se tornar uma atividade de expressão e aprendizado. Inicialmente, seus desenhos refletiam apenas o universo de seus interesses, como poderes e personagens de jogos, sem a intenção de narrar histórias ou organizar ideias. Com o tempo, porém, o desenho começou a se transformar em uma ponte entre seu mundo interno e o ambiente escolar, permitindo que expressasse emoções, construísse sentidos e desenvolvesse novas formas de comunicação e se apropriasse da língua portuguesa na modalidade escrita que, ele à época, apresentava resistência em fazer. É importante destacar que a arte teve um papel fundamental nesse processo, pois ajudou o aluno a sair do estado de hiperfoco restrito, ampliando suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais dentro do contexto escolar.



Mesmo com esse avanço, o aluno continuava apresentando resistência em escrever, um desafio comum em crianças com Transtorno do Espectro Autista, que muitas vezes se sentem inseguras ao registrar suas ideias por meio da escrita. O projeto, portanto, evoluiu para incluir não apenas o desenho, mas também a produção escrita, incentivando a criança a descrever o que os personagens estavam dizendo ou a narrar as batalhas e ações que aconteciam nos quadrinhos. Essa etapa se mostrou essencial para ampliar sua capacidade de comunicação e desenvolver habilidades linguísticas, promovendo a integração entre expressão visual e verbal, além de estimular o planejamento e a organização do pensamento de forma sequencial.

Outro ponto relevante foi a evolução na organização espacial da folha e na construção de narrativas. Inicialmente, os desenhos eram grandes, desordenados e sem sequência lógica, revelando pouca intencionalidade. Progressivamente, a criança passou a dividir a folha em quadrados menores, criando histórias em forma de quadrinhos e utilizando legendas para contextualizar as ações e diálogos dos personagens. Esse avanço evidencia não apenas o desenvolvimento da coordenação motora fina e do planejamento gráfico, mas também o surgimento de um raciocínio sequencial e da capacidade de transformar ideias abstratas em narrativas coerentes. Além disso, a inserção da escrita, mesmo que inicial e guiada, contribuiu para fortalecer a autonomia, a confiança e o engajamento do aluno, mostrando que a arte, quando articulada com a linguagem, torna-se um poderoso instrumento de expressão e aprendizagem.

Ao integrar as artes no processo educativo, seja por meio das artes visuais, da música, da dança ou do teatro, a arte-educação permite que essas crianças se conectem com suas emoções, desenvolvam habilidades motoras, cognitivas e sociais, e ampliem sua autoestima e confiança. A arte transcende as limitações físicas e sensoriais, oferecendo uma linguagem universal que favorece a comunicação e a expressão individual. (LIMA, 2025)

Mesmo com os avanços no campo da expressão artística, a socialização do aluno com os colegas ainda persistia, pois ele preferia compartilhar seus desenhos apenas com a monitora, demonstrando insegurança para apresentá-los em grupo. Essa resistência pode estar relacionada à autoestima fragilizada ou às características do Transtorno do Espectro Autista, como dificuldade em lidar com interações sociais. Contudo, a prática artística continuou funcionando como um canal privilegiado de expressão emocional e cognitiva, permitindo que o aluno externalizasse pensamentos e interesses.

A mediação da monitora mostrou-se essencial, pois oferece suporte individualizado e cria oportunidades seguras para que a criança, gradualmente,



O aluno conseguiu criar um acordo com a coordenadora da escola, estabelecendo que, uma vez por semana, apresentaria ou explicaria os desenhos produzidos durante a semana. Essa estratégia permitiu ao estudante gradualmente superar a insegurança em expor suas produções, tornando o momento de compartilhamento mais previsível e seguro. O combinado funcionou como um incentivo à comunicação, ajudando a criança a se sentir valorizada e fortalecendo sua autoestima, ao perceber que suas ideias e criações têm espaço e reconhecimento dentro do ambiente escolar.

Por fim, é possível afirmar que os resultados iniciais evidenciam o potencial transformador da arte no desenvolvimento emocional de crianças autistas. Mesmo que a socialização plena com os colegas ainda não tenha se concretizado, a evolução na forma de desenhar, a construção de narrativas e o engajamento crescente com a atividade indicam avanços significativos no campo da expressão criativa, do planejamento cognitivo e da comunicação. Tais resultados reforçam a relevância de práticas pedagógicas inclusivas, estruturadas e afetivas, que possibilitem à criança explorar sua criatividade, fortalecer sua autonomia e desenvolver habilidades socioemocionais de forma contínua e consistente.

A análise dos resultados do projeto evidencia que a arte funciona como um recurso pedagógico e terapêutico de grande impacto no desenvolvimento emocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio da expressão artística, o



aluno conseguiu externalizar emoções, estruturar pensamentos e transformar interesses pessoais em narrativas visuais e escritas, o que contribuiu para a construção de autonomia e autoestima. Além disso, a atividade permitiu que a criança experimentasse sucesso, reconhecimento e prazer no processo criativo, mostrando que o ambiente escolar pode ser um espaço de aprendizagem significativo quando atividades inclusivas e adaptadas são implementadas.

O Decreto nº 12.385/2025, que restringe o uso de aparelhos eletrônicos pessoais nas escolas, tem papel complementar nesse contexto. Ao limitar o acesso a celulares e outros dispositivos, a legislação cria condições favoráveis para que as crianças explorem outras formas de interação, comunicação e expressão. No caso do projeto, observou-se que a ausência do aparelho eletrônico possibilitou maior concentração, engajamento nas atividades artísticas e disponibilidade para o contato com o educador e o ambiente escolar, reforçando a importância de estratégias institucionais que favoreçam a socialização e a interação presencial

A arte, nesse sentido, mostrou-se uma ferramenta poderosa para fortalecer vínculos e desenvolver competências sociais, ainda que a socialização plena entre os colegas não tenha sido imediata. Ao participar de atividades criativas e ter a oportunidade de apresentar seus trabalhos para a coordenadora, o aluno iniciou um processo gradual de confiança e pertencimento, sentindo-se reconhecido e valorizado. A mediação constante da monitora, associada ao espaço seguro e estruturado oferecido pelo projeto, evidenciou que crianças com TEA podem se beneficiar enormemente de práticas pedagógicas que combinem estímulo artístico, atenção individualizada e regras claras, promovendo inclusão e aprendizado de habilidades socioemocionais essenciais.

Por fim, este estudo reforça que a integração entre políticas educacionais, como a restrição de aparelhos eletrônicos, e projetos artísticos planejados, pode gerar impactos significativos no desenvolvimento integral da criança. A combinação de uma abordagem inclusiva, mediada e afetiva com a prática da arte contribui para que a criança explore sua criatividade, organize seus pensamentos, regule emoções e avance na socialização, promovendo uma experiência escolar mais rica e humanizada. Assim, a educação, quando realizada com dedicação, atenção às necessidades individuais e valorização da diversidade, demonstra seu poder transformador, mostrando que a aprendizagem e a socialização caminham juntas quando se investe em estratégias pedagógicas estruturadas e amorosas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brandão, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- Coli, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- Greig, Philippe. **A criança e a arte**. São Paulo: Loyola, 2004.
- Castro, Thiago. **Educação inclusiva e arte**. Salvador: EDUFBA, 2023.
- Grandin, Temple; Panek, Richard. **O cérebro autista**. São Paulo: Record, 2024.
- LIMA, P. C. K. (2025). **Arte na educação especial: uma ferramenta para a inclusão**. Anais Congresso De Educação, Interdisciplinaridade E Práticas Escolares, 1(3), 01–13.
<https://doi.org/10.56579/eduinterpe.v1i3.2292>

